

Diário de um Zappeur (Elogio de uma estética do Individualismo)

04/06/2005

Wellington Pereira*

A construção do cotidiano passa por meios e mediações na sociedade de massa. Isto é lugar comum açambarcado por uma metodologia consagrada pelo individualismo metodológico da modernidade.

Todos conhecem no cotidiano as regras de sociabilidade, os tempos socioculturais dos eventos, a filosofia mística dos adventos, mas poucos ousam conceituar a vida cotidiana, os seus nexos e desnexos.

No conflito teórico entre modernidade e pós-modernidade se verificou, cada vez mais, a dificuldade de entendermos os arquétipos construídos socialmente.

A modernidade consagrou como um de seus principais arquétipos, o flâneur, observador livre da paisagem urbana, decodificador das novas nuances do comércio, figura sensível às fantasmagorias das mercadorias expostas nas primeiras galerias (antecessoras dos shoppings centers), mas, sobretudo, um observador das multidões.

O flâneur preconiza a ociosidade estruturada, submetida às regras de verificação das mercadorias expostas em vitrinas, da luminosidade antinatural afastando o halo escuro das metrópoles, ou como definiu Walter Benjamin:

O flâneur é um abandonado na multidão. Com isso, partilha a situação da mercadoria. Não está consciente dessa situação particular, mas nem pô isso ela age menos sobre ele. Penetra-o como um narcótico que o indeniza por muitas humilhações. A ebridade a que se o flâneur é a da mercadoria em torno da qual brame a corrente dos fregueses.

Mas o flâneur quando se junto à multidão gera a flânerie, que se constitui no campo se estabelecem as regras de observação. E como na modernidade o conceito é a principal ferramenta de análise da vida cotidiana, uma de suas principais preocupações é verificar o que provoca movimento.

Na modernidade, o campo simbólico ocupado pelo flâneur se denomina multidão, porque ela provoca movimentos, em mundo sempiterno de imagens, sons, gestos.

É disto que o flâneur se alimenta: imagens, sons, gestos, reflexos de espelhos contra espelhos.

Sociologicamente, o flâneur é o ideal tipo da efervescência econômica no auge do capitalismo.

Mas o flâneur depende de movimentos e, por isso, não está dissociado de uma estética comunitária, mesmo que esta seja na maioria das vezes uma forma de ruptura com o *status quo*. Como podemos observar em Maffessoli: É o estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência.

Ao pertencer à estética comunitária, o flâneur se prende a laços estético-afetivos, busca transformar sua aventura individual em ousadia e verifica cada acontecimento a partir da suas exterioridade, mas sempre mantendo níveis de relação com o "outro", com o contexto histórico. Ensejando apenas um método mais eficaz para decifrar a ruptura provocada entre a velocidade das máquinas e a solidão no meio da multidão.

A flâneur guarda nas formas estéticas a sua interpretação do mundo. Mas para isto ele tem que sair às ruas, freqüentar o passeio público e, se possível, trocar algumas palavras e se angustia, quando percebe que: Quem vê sem ouvir fica muito mais inquieto do que quem ouve sem ver.

O flâneur tem uma identidade física, ocupa um espaço social determinado. Isto o fez símbolo de uma estética da ociosidade, cujo método consiste, basicamente, em observar os movimentos da multidão a partir de um ponto solitário, como um demiurgo. Por isto, ele é o principal ator da modernidade.

E o Zappeur?

Ao contrário do flâneur, o Zappeur, na pós-modernidade, recupera o individualismo metodológico que se pensou perdido com a idéia de "retribalização" comunitária.

O zappeur - o indivíduo cujo nexos com o mundo é o controle-remoto, acumula imagens e sons. Na maioria das vezes não entende o que vê ou escuta. Isto se pode chamar de "estética do zapping".

O campo estético gerado pelo zappeur tem como principal método a escolha da imagem ou do som adequados a seu tempo individual, psicológico, interior, confortável e distante dos solavancos que uma multidão pode provocar.

O Zappeur se liga ao flâneur pelos vieses da produção de bens duráveis de consumo (ou mesmo bem simbólicos). Mas a distância entre ambos se dá na epistemologia dos movimentos.

Enquanto o flâneur precisa circular para obter conhecimentos dos objetos, ou mesmo dos fatos como coisas (no sentido durkheimiano), o Zappeur provoca o movimento das imagens do mundo exterior através da mediação eletro-eletrônica, a partir de um ponto fixo, procurando um nexos entre o seu imaginário e o que pode oferecer a mídia.

O zappeur foge aos modelos propostos de uma estética comunitária, porque não há um campo estabelecido para suas ações. O que se faz necessário é ao acúmulo de imagens, sons, corpos, paisagens, desde que sejam eficientes para "aplainar" as dificuldades entre o mundo interior e o mundo exterior.

Para o zappeur, contemplar não significa teorizar, mas acumular signos que diminuam os constrangimentos sociais provocados pela sociedade: a violência, a miséria, a falta de segurança, o Estado.

Parafraseando um conceito de Schütz, o zappeur esta fora do mundo da vida, mas procura colocar a vida no mundo, através de uma *hermenêutica da expectativa*, utilizando como referencial do mundo exterior apenas a superposição de imagens.

O zappeur é o ator pós-moderno. O Chronos esfomeado que engole bens simbólicos se ligar o tempo interior ao tempo exterior. Este ainda determinado socialmente. Tecnicamente, ele representa uma estética da solidão, o consumo conspícuo oferecido sem mobilidade social.

Há de se escrever um etnografia do zappeur, capaz de explicar os fenômenos inscritos entre a insônia, a TV e a vida cotidiana, o que eliminaria algumas confusões conceituais sobre a estética comunitária nas sociedades ditas (em forma de pastiche ou não) pós-moderna.

Benjamin Walter- Charles Baudelaire- um lírico no auge do Capitalismo- Obras escolhidas- Volume III; São Paulo: Brasiliense, 1989, páginas 51-52

Maffesoli, Michel - A contemplação do mundo - Porto Alegre: Arte e Ofícios Editora, 1985, p: 67

Benjamin, op. cit; pág.36.

Tedesco, João Carlos - Paradigmas do Cotidiano- Introdução à constituição de um campo de análise social. . Santa Cruz do Sul: Edunisc: Passo Fundo: UPF, 2003, P. 91

***Wellington Pereira** é professor de Jornalismo do Curso de Comunicação Social da UFPB. Doutor em Sociologia pela Université Paris V, Sorbonne, França.